

Inconsistência, ilusão e ceticismo: Fogelin e as restrições não conceituais da razão

Bruno Pettersen

(FAJE)

E-mail: brunopettersen@gmail.com

Resumo: O objetivo do artigo é apresentar as teses de Robert Fogelin acerca da precariedade da razão em seu livro *Andando na corda bamba da razão*. Nesse livro, Fogelin desenvolve sua posição pessoal acerca das várias limitações da racionalidade, indo dos problemas formais, passando para as ilusões da razão e chegando ao ceticismo. Ao fim das dúvidas, à maneira de Hume, Fogelin sugere uma “solução cética dessas dúvidas” mostrando que há uma possibilidade de conhecimento através de restrições não conceituais ao raciocínio. Neste artigo, examinaremos a tese de Fogelin com o objetivo de compreendê-la como parte da tradição cética.

Abstract: The objective of the paper is to present the thesis of Robert Fogelin about the precariousness of reason in his book *Walking on the tightrope of reason*. In this book Fogelin develops his personal position on the various limitations of reason, going from formal problems, to the illusions of reason and arriving in the skepticism. Next, Fogelin suggests a “skeptical solution of these doubts” showing that there is a possibility of knowledge through non-conceptual constraints to reasoning. In this paper, we will examine Fogelin's thesis in order to understand it as part of the skeptical tradition.

*O teste de uma inteligência de primeira ordem é
a habilidade de manter duas ideias opostas na mente,
ao mesmo tempo, e ainda reter a capacidade de funcionar.*
Scott Fitzgerald

Introdução

Robert Fogelin (1932-2016) foi um filósofo com várias facetas. Ele foi um dos mais importantes comentadores da filosofia de Hume e da de Wittgenstein, tendo suas interpretações sobre eles ocupado um lugar central no debate exegético. Mas, além de ser um historiador da filosofia, Fogelin também nos apresentou uma posição pessoal em pelo menos dois de seus livros, a saber, o seu *Walking the Tightrope of Reason*¹ (WTR) e o *Pyrrhonian Reflection in Knowledge and*

¹ Fogelin, 2003. Daqui em diante utilizaremos WTR como acrônimo de *Walking the tightrope of Reason*.

*Justification*² (PRKJ). Ambos acabam de ganhar uma tradução para o português³. Deixe-me apresentar as duas obras.

O PRKJ foi publicado originalmente em 1994 e é escrito ao redor da temática do Problema de Gettier⁴. Esse problema diz respeito a possíveis inconsistências na definição tripartite de conhecimento, indicando a necessidade de se revisar ou abandonar tal definição. Dentro desta temática o PRKJ apresenta uma solução pirrônica para os problemas de Gettier, realçando as questões quanto à definição de conhecimento e ao mesmo tempo apresentando uma solução cética para o debate. De modo geral, o PRKJ é um texto mais técnico e tem uma menor abrangência de temas.

Diferentemente do PRKJ, o WTR tem um maior escopo de temas, questões e filósofos. Nele Fogelin trata de ética, metafísica, epistemologia, filosofia da ciência e estética. Comenta autores desde Parmênides, Aristóteles, Hume, Kant até Wittgenstein. O WTR pretende ser uma análise acerca da tradição filosófica e das dificuldades da racionalidade inerentes a ela.

Neste artigo nosso interesse é numa compreensão dos aspectos globais do ceticismo de Fogelin, por isso nos concentraremos no WTR. Em nossa tese de doutorado⁵ fizemos o contrário, nos dedicando quase apenas ao PRKJ. Nosso foco aqui será propor uma interpretação do argumento apresentado por Fogelin no WTR que envolve dois aspectos: (a) a compreensão da metodologia cética utilizada por Fogelin ao longo dos capítulos e (b) os argumentos apresentados a partir desta metodologia. Para tal, o artigo será dividido em três partes. Na primeira apresentaremos em que consiste a estratégia cética da qual Fogelin faz uso. Na segunda, indicaremos em que medida Fogelin apresenta as suas dúvidas céticas. E na última parte, discutiremos em que incidem as respostas de Fogelin às dúvidas céticas.

1. O WTR e sua metodologia cética

De um modo explícito o WTR não foi escrito em uma metodologia específica. Isto é, Fogelin não deixa claro que ele está seguindo os modelos argumentativos presentes em céticos como Sexto Empírico ou Hume, mas apenas nos lembra que estes filósofos o inspiraram⁶. Por outro lado, se tomarmos as divisões temáticas, o levantamento de questões e as propostas de soluções, veremos que o WTR pode ser sim tratado dentro da mesma tradição dos céticos.

² Fogelin, 1994. Daqui em diante utilizaremos PRKJ como acrônimo de *Pyrrhonian Reflection in Knowledge and Justification*.

³ Fogelin, 2016; Fogelin, 2017. Para as referências utilizaremos a edição de WTR que foi recentemente traduzida no Brasil.

⁴ Discutimos este aspecto em nossa tese de doutorado sobre Fogelin. Além disso, verificamos nesta obra outros aspectos do próprio WTR. Ver Pettersen, 2012.

⁵ Ver Pettersen, 2012.

⁶ Idem, p. 143-147.

Pensemos inicialmente sua divisão interna realizada nos seguintes capítulos:

1. Por que obedecer às leis da lógica?
2. Dilemas e paradoxos
3. A razão pura e suas ilusões
4. Ceticismo
5. Respostas modestas a esses desafios.
6. Questões de gosto

O primeiro capítulo defende um compromisso inescapável com o princípio fundamental da razão: a lei de não contradição. Os capítulos de 2 a 4 são responsáveis por apresentar os elementos da precariedade da razão. O capítulo 5 sugere uma resposta e o capítulo 6 é um exemplo que confirma a tese do 5. Assim temos o formato: 1 racionalidade inevitável, 2-4 questões céticas, 5-6 solução. A pergunta que nos permitirá definir a estratégia argumentativa no WTR é a seguinte: porque este modelo de questões e respostas é propriamente cético?

Bem, um simples modelo de questões e respostas não permite qualificar um método cético, já que, se o fizesse, todos os filósofos seriam céticos. Afinal, é parte do caminhar da filosofia levantar e resolver os problemas. O que torna tal modelo propriamente cético é que a resposta *não resolve* as dúvidas propostas.

No modelo cético de se fazer filosofia, as dúvidas são apresentadas de maneira a solapar as propostas realizadas por outros filósofos. Dessa maneira, o cético deve usar todos os argumentos, não importando quem ou quando foi apresentado. Em momento algum, até o fim da argumentação, o cético supõe que as dúvidas foram solucionadas. E é neste contexto que uma “solução” surge.

A solução cética não diz respeito às dúvidas, mas em geral a um diagnóstico realizado acerca de como a vida comum se coloca, uma vez que as dúvidas estão presentes. Se trata frequentemente de mostrar ou como a vida comum é possível, a despeito das dúvidas, ou como a vida comum pode ser compreendida a partir da existência destas dúvidas. Não se trata, portanto, de responder as dúvidas, mas de perceber como a vida comum é possível, embora precária.

Este tipo de dualidade argumentativa de dúvidas somadas de quasi-soluções não é uma novidade. Ela está presente quase que desta mesma maneira em autores como Sexto Empírico e David Hume, justamente os dois céticos mais importantes para Fogelin. Com fins de comparação, tracemos as linhas gerais da metodologia cética presente em ambos.

1.1 Sexto Empírico e sua metodologia cética

Sexto Empírico é a principal referência do ceticismo pirrônico antigo e para nossos fins, o *Hipótiposes Pirrônicas*, livro I⁷ (HP, I) é decisivo, especialmente por que Fogelin se intitulada um *neopirrônico*⁸. Nesta obra, podemos dividir os argumentos⁹ de Sexto em duas partes: as dúvidas levantadas e um apontamento para a vida comum que não soluciona as dúvidas.

As dúvidas céticas são propostas a partir de duas estratégias¹⁰. A primeira é supor, como Sexto propõe, que o cético é definido como alguém que tem uma habilidade de opor argumentos. Assim, quando alguém defende uma tese x o cético teria a habilidade¹¹ de contrapor com $\sim x$, sendo esta técnica conhecida como antinomia. A segunda técnica diz respeito aos chamados “Modos” ou “Tropos” que são conjuntos de argumentos previamente catalogados que teriam a função de refutar teses específicas. Os mais famosos são os “Modos de Enesidemo”¹² e os “Modos de Agripa”¹³. Estas dúvidas não são abandonadas em momento nenhum do ceticismo de Sexto Empírico.

Tal como Sexto se utilizou de Enesidemo e Agripa, veremos abaixo que os Tropos de argumentação de Fogelin são retirados de outros filósofos com vistas a problematizar o saber. Fogelin faz uso de Aristóteles, Gödel, Descartes, Hume, Kant e Wittgenstein, apenas para citar alguns deles, com a finalidade de revelar a precariedade própria da razão, tal como fizera Sexto.

Mas uma vez tendo apresentando as estratégias argumentativas, chegamos ao que Sexto Empírico chama de “fenômeno”¹⁴, que seria a maneira pela qual o cético explica a possibilidade de se viver supondo a realidade das dúvidas propostas. Neste sentido, o cético não recusa aquilo que aparece para ele, mas ao contrário vive de acordo com isto. Sexto Empírico mantém que o cético pode se guiar na vida comum a partir de quatro critérios¹⁵: (a) a orientação da natureza, (b) a necessidade das sensações, (c) a aceitação das leis e costumes e (d) o ensinamento e condução das atividades técnicas (*tekhnè*).

⁷ Utilizaremos a tradução de Annas e Barnes de 2000. Esta tradução do título da obra aparece em Marcondes, 1997.

⁸ Analisamos o neopirronismo de Fogelin na nossa tese. Ver Pettersen, 2012.

⁹ O HP I não conta apenas com detalhes dos argumentos dos céticos, de modo mais amplo ele pode ser lido como uma tentativa de definir os vários âmbitos do pirrônico, sendo que aqui destacaremos apenas o aspecto argumentativo.

¹⁰ Para maiores detalhes sobre as estratégias argumentativas dos céticos, veja o meu artigo “A argumentação do cético - Porchat e o Pirronismo Hoje”. Pettersen, 2015.

¹¹ Ver HP, I,8

¹² Ver HP. I, 36 e ss.

¹³ Ver HP I, 165-169.

¹⁴ Sexto diz assim: “Aqueles que afirmam que o cético rejeita o aparente não prestarem atenção ao que dissemos. Pois, como dissemos antes, não rejeitamos as impressões sensíveis que nos levam ao assentimento involuntário e estas impressões são o aparente”. Ver. HP. I, 19.

¹⁵ Sexto, HP I, §11.

O fenômeno não é dogmatizado pelo cético. Ao contrário aquilo que aparece ao cético é tomado como uma possibilidade de orientação para a vida, uma vez que as dúvidas não são solucionadas. Temos então em Sexto a dualidade presente no WTR: dúvidas e uma possibilidade de viver a vida comum. O mesmo ocorre com o outro cético que Fogelin se remete: David Hume.

1.2 Hume e sua metodologia cética

Se Hume é pirrônico ou mesmo cético é um debate entre os intérpretes de Hume e que não trataremos aqui. Mas o fato que nos interessa é que o modelo de argumentação de Hume é muito próximo ao que Fogelin apresenta no WTR, de quem Fogelin assume que vem a maior parte de suas inspirações¹⁶. Para ficar claro, nos basearemos no modelo de argumentação presente nas seções IV e V da *Investigação acerca do Entendimento Humano*¹⁷ (EHU) de Hume.

Na seção IV do EHU, Hume apresenta o seu famoso argumento acerca da causalidade. Neste argumento somos levados por Hume a perceber, que embora todo o nosso conhecimento sobre o mundo possa ser fundado na relação de causa e efeito, não temos conhecimento da natureza dos mecanismos da causalidade. Hume mostra que certamente o raciocínio *a priori*, ou seja, desconectado da experiência, nunca nos revelaria o funcionamento da causalidade. Por outro lado, a experiência, que é onde se funda a causalidade, tem em si a contingência, o que possibilitaria, pelo menos de um ponto de vista lógico, que, por exemplo, o sol não nasça amanhã ou que o alimento não nos sacie. Temos aí a dúvida.

Na seção V do EHU Hume nos embaraça colocando um problema: se é assim, se é tamanha a incerteza, porque simplesmente agimos como se tudo estivesse em mais perfeita ordem na vida comum? Aqui a dúvida filosófica não é questionada, ao contrário, a seção IV continua perfeitamente correta. A pergunta da seção V é acerca da natureza de nossas crenças sobre o mundo. Então Hume apresenta um mecanismo psicológico que descreve como agimos no mundo como se não houvesse incerteza. Temos lá uma descrição da psicologia humana fundada no hábito, que não resolve a questão, mas oferece um caminho para a vida.

Novamente é o mesmo modelo de argumentação cética que está presente em Fogelin, Sexto e agora Hume: a dúvida e uma resposta acerca de como a vida é possível a despeito da dúvida.

1.3 Fogelin, Sexto e Hume e a metodologia cética

¹⁶ Fogelin, WTR, P. 178.

¹⁷ Utilizamos aqui a tradução de 2004 de José Oscar de Almeida Marques.

**Inconsistência, ilusão e ceticismo:
Fogelin e as restrições não conceituais da razão**

Como salientamos acima, o WTR continua a metodologia presente na tradição cética, mas agora a partir de novos desenvolvimentos da filosofia, especialmente a analítica. Essa metodologia, em resumo, se inicia com o colocar de dúvidas, indica que estas dúvidas não são solucionáveis e aí apresenta uma proposta que permite compreender a vida a despeito destas dúvidas.

Em nossa próxima seção veremos como Fogelin pode ser incluído nesta tradição cética, como continuador de Sexto e Hume.

2. As dúvidas de Fogelin

O WTR é um livro sobre a precariedade da racionalidade, como anunciado no subtítulo “A vida precária de um animal racional”. Essa constatação de Fogelin acerca da razão é antiga, como ele mesmo nos diz que

(...) as coisas estão agora praticamente no mesmo lugar em que Sexto as deixou quase dois mil anos atrás. Fogelin, WTR, P.130.

Apesar da precariedade sempre ter sido apontada pelos céticos, Fogelin apresenta o seu próprio argumento a partir de três dúvidas: a inconsistência, a ilusão e a dúvida cética. Cada um destes elementos será apresentado em um momento à parte, sendo a inconsistência discutida nos capítulos 1 e 2, a ilusão no capítulo 3 e a dúvida cética no capítulo 4.

A partir de agora exploraremos as dificuldades inerentes à racionalidade conforme Fogelin nos apresenta, compreendendo o momento do levantamento das dúvidas conforme a estratégia cética apresentada na seção anterior deste artigo.

2.1 A inconsistência

O argumento da inconsistência, apresentado entre os capítulos 1 e 2 do WTR diz respeito à natureza *vaga* e *não totalizante* da racionalidade e que ao não considerarmos tais aspectos somos conduzidos às ilusões. Tal é o primeiro aspecto precário da razão. Para argumentar acerca deste ponto, Fogelin nos traz Wittgenstein que embora não seja um cético, tem sua reflexão trazida para o interior desse debate.

De um modo específico, entre os Capítulos 1 e 2 do WTR, Fogelin associa duas teses de Wittgenstein com a inconsistência da razão, a saber:

a) No capítulo 1 somos levados ao argumento¹⁸ que discute a natureza dos sistemas lógico-formais e sua relação com o mundo,

b) E no capítulo 2 temos o argumento¹⁹ acerca da natureza dos jogos de linguagem e as regras no interior destes jogos.

Cada um destes argumentos é usado como instrumental ao ceticismo de Fogelin, e não como uma interpretação de Wittgenstein. Sendo assim, veremos agora como há o entrelaçamento destes vários pontos para constataremos as dificuldades da racionalidade.

a) A confusão entre sistemas formais e as considerações sobre o mundo

Começando com as dificuldades inerentes aos sistemas formais, formulamos a seguinte questão: As regras, leis, teoremas e axiomas de sistemas formais como a lógica e a matemática são verdadeiros com relação ao que? Para responder à esta questão, Fogelin nos traz ao problema mais antigo e mais persistente da filosofia, o debate entre Parmênides e Heráclito acerca da natureza do princípio de não contradição. De um lado Parmênides defenderia que o princípio da não contradição é um princípio da realidade, já Heráclito parece não ter problema em abraçar a contradição. Qual deles está correto acerca da natureza deste princípio?

Fogelin opta por dizer que nenhum dos dois. Ele então nos lembra de Wittgenstein no *Tractatus* que diz que

6.1. As proposições da lógica são tautologias,

6.11. As proposições da lógica, portanto, não dizem nada. (São proposições analíticas.) (Wittgenstein, 2001, P. 250-1)

Esses dois pontos nos ajudam a refletir acerca da natureza de afirmações lógicas, tais como a lei de não contradição.

Segundo Fogelin, a Filosofia vem ao longo de suas várias correntes confundido dois problemas, de um lado a realidade empírica e de outro lado a natureza das leis da lógica. Ao supor que as leis de um sistema formal são idênticas às leis da própria realidade temos o problema que surge no confronto dos nossos dois pré-socráticos. As leis de um sistema formal devem ser avaliadas como apropriadas e coerentes ao próprio sistema e não como sendo verdadeiras ou falsas a partir da natureza empírica. Nesse sentido podemos ter diferentes versões da lógica, aritmética e geometria sem que julgemos a adequação destes sistemas a partir da experiência. Tal é uma postura

¹⁸ Este argumento pode ser traçado originalmente ao *Tractatus logico-philosophicus*.

¹⁹ Já este argumento está presente no *Investigações Filosóficas*.

antirrealista acerca dos sistemas formais que Fogelin parece abraçar sem dificuldade.

Aqui o princípio de não contradição não é verdadeiro ou falso sobre o mundo, ele é apenas correto a partir da lógica clássica. Neste caso, nem Parmênides, nem Heráclito estão corretos, pois aplicaram uma regra de um sistema formal ao mundo.

A conclusão é que essa confusão gera vários problemas filosóficos que poderiam ser resolvidos ao compreendermos a real natureza destes sistemas. A inconsistência apenas surge quando exigimos dos sistemas formais algo que eles não foram estruturados para oferecer, ou seja, uma incorreta busca pela isomorfia entre a lógica e o mundo.

b) A vagueza dos sistemas de regras não formais

Ainda falando de sistemas, mas agora sistemas de regras não formais, assentados na realidade empírica, temos uma nova questão, Fogelin nos diz que:

... não há razão para supor que as regras que governam nossas atividades cognitivas formam ou precisam formar sistemas consistentes. De modo mais incisivo, argumentarei ser evidente que as regras que governam muitas instituições humanas não são consistentes. Fogelin, WTR, P. 52. (nosso negrito)

Este argumento de Fogelin é inspirado pelas reflexões de Wittgenstein acerca da natureza das regras presentes em sistemas não formais, que é um dos aspectos dos “jogos de linguagem”.

Nossa primeira impressão com relação a um jogo bem estabelecido é que ele deveria ter regras precisas. Mas uma investigação detida nos revela a imprecisão das regras, vejamos o que Wittgenstein nos diz sobre o jogo de tênis:

[o jogo de tênis] não está inteiramente limitado por regras; mas também não há nenhuma regra no tênis que prescreva até que altura é permitido lançar a bola nem com quanta força; mas o tênis é um jogo e também tem regras. Wittgenstein, 1975, §68.

Há dois pontos importantes neste argumento: i) a vagueza dos sistemas de regras e ii) o funcionamento adequado do jogo à despeito desta vagueza.

i) Sistemas de regras são intrinsecamente vagos.

Em jogos determinados como o tênis ou o futebol, o número de possibilidades não cobertas por regras determinadas é enorme, como exemplificado acima. As regras têm a função apenas de delimitar o jogo, mas não de cobrir todas as possibilidades dele. No tênis isto não

dificulta o jogo, ao contrário ele funciona muito bem sem estabelecer todas as regras. É certo que, vez ou outra, certas dificuldades possam aparecer devido a regras ausentes, e aí será proposto um novo conjunto de regras, que pode gerar novas dificuldades e assim por diante.

Em sistemas maiores e mais complexos, do que o de um jogo recreativo ou competitivo como o tênis, como por exemplo, a moralidade de um povo, o sistema de regras presente será ainda mais vago. Segundo Fogelin os dilemas morais são naturalmente decorrentes da vagueza destes sistemas, afinal como as regras não são precisas, sempre uma inconsistência pode surgir devido à incompletude do sistema. É o que Fogelin nos diz acerca dos sistemas jurídicos:

Uma característica inerente a todos os sistemas morais e legais é, creio, ter um potencial para dilemas morais e dilemas legais. Fogelin, WTR, p. 66.

ii) Mas apesar da inconsistência ser natural, os sistemas ordinários são adequados mesmo sem uma busca totalizante por regras. Fogelin diz que

[p]ensar de outro modo é quase certamente o resultado de fazer exigências ultrarracionalistas para os sistemas morais: ou eles são livres de dilemas ou completamente arbitrários. Fogelin, WTR, p. 72.

A natureza dos sistemas regras os torna aptos para o uso na vida comum, mesmo que seja parte da natureza deles a incompletude. Tal característica não os tornam inutilizáveis, mas apenas os faz um espelho das dificuldades inerentes à própria razão.

A primeira dificuldade da racionalidade, a inconsistência, é revelada em dois níveis, o formal e o ordinário. Primeiro, somos conduzidos por Fogelin à compreensão de que sistemas de regras formais não devem ser confundidos com a própria realidade, o que se for feito acarreta vários problemas filosóficos. Segundo, percebemos que a tarefa de encontrar sistemas de regras totalizantes não é adequada dada a natureza própria destes sistemas de regras, onde não há como eliminar todos os dilemas possíveis. A inconsistência presente nos dois níveis não imobiliza a vida racional, apenas reconhece os limites da reflexão e nos conduz à vida comum, ainda que precária.

Apesar das dificuldades próprias à reflexão, Fogelin maneja de modo adequado a possibilidade da vida comum. A razão engana-se, mas a vida não é incapacitada.

2.2. Ilusões dialéticas

O segundo argumento acerca da precariedade da razão é apresentado no capítulo 3 do WTR e novamente com a participação da argumentação de um outro filósofo não cético, desta vez Kant. Mas aqui temos a essência de se ser um (neo)pirrônico: não importa a filiação de um argumento, apenas a sua utilidade para colocar o dogmático em xeque, e é isto que Fogelin faz. Neste capítulo nosso filósofo utiliza-se de Kant para apresentar a famosa ideia das ilusões dialéticas.

No jargão kantiano a “ilusão dialética” diz respeito ao uso da razão apartada da sensibilidade e os erros gerados a partir deste uso, especialmente com as chamadas “antinomias”. Segundo Kant, muitas das ilusões da filosofia surgem da tentativa de resolver problemas metafísicos sem qualquer relação com a experiência. Vejamos um exemplo: metafísicos debateram durante gerações se o Universo teve ou não um começo, gerando argumentos equânimes a favor e contra a ideia de um início para o Universo. É justamente aí que surgem os problemas filosóficos. Se o Universo teve ou não um começo resolveremos quando uma peça no quebra-cabeças científico for apresentada não apenas a partir de um raciocínio, mas a partir de alguma evidência publicamente verificável em um certo sistema teórico. Veremos na seção 3 deste artigo a importância da verificação empírica para a racionalidade.

Seguindo de perto Kant, Fogelin também acredita que a razão sem as restrições não conceituais é cega. Inclusive é este argumento que permitirá na próxima seção a sua solução modesta. Mas o ponto aqui diz respeito a limitação mais evasiva da razão: o fato de que julgamos ser possível resolver um debate pela razão sozinha. Não podemos. Este é um limite inerente à reflexão humana.

2.3. Ceticismo

O próximo argumento acerca da precariedade da razão se desenrola ao redor das várias formas de ceticismo que surgiram por várias gerações. Fogelin dá aqui continuidade à temática anterior, acerca das ilusões dialéticas, e argumenta que o ceticismo é também um uso desmedido da razão.

O argumento de Fogelin pode ser dividido em duas partes: na primeira parte somos apresentados à três tipos de ceticismo, e na segunda ele vai à sua obra anterior o PRKJ para explicar o porquê do surgimento das formas de ceticismo. Vejamos.

Os três tipos de ceticismo examinados são, nesta ordem, o cartesiano, o humeano, e o pirrônico. De modo estratégico essa parece ser a ordem de adesão por parte de Fogelin, indo do ceticismo cartesiano que ele apenas reconhece como parte da tradição, passando por Hume, onde Fogelin se sente confortável, até chegar ao

pirronismo, onde ele se coloca. Examinemos os objetivos do argumento dele.

O ceticismo cartesiano é caracterizado pelo que na tradição contemporânea se usou chamar de “cenários céticos” que consistem na construção de situações onde a dúvida surge e não poderia, em tese, ser eliminada. O argumento do sonho, a possibilidade da loucura, ou se somos cérebros na cuba são “cenários céticos”. Estes cenários criam um contexto onde todas, ou a maior parte de nossas crenças seriam falsas.

O problema com este tipo de cenário é que embora eles sejam possíveis, eles são pouco relevantes para uma reflexão efetiva. Ainda que filosoficamente possamos levantar tais dúvidas, dificilmente conseguiríamos colocá-las como uma possibilidade real. Aqui temos o Fogelin herdeiro de um Hume que passou pela crise pirrônica ao fim do livro I do seu *Tratado da Natureza Humana* e que percebe que as dúvidas céticas radicais são deixadas de lado quando os assuntos da vida comum se impõem. Mas repare: não houve refutação do ceticismo, apenas uma compreensão de sua pouca efetividade na vida comum ou intelectual.

O ceticismo de Hume é retratado com o mesmo olhar acerca do ceticismo cartesiano. O que Fogelin chama de ceticismo em Hume é o argumento acerca da causalidade. No entanto, este não é mais um caso de cenário cético. Ele aborda muito rapidamente esse argumento, mas em suma é possibilidade de não conhecermos a natureza da causalidade, conforme vimos na seção 1.2 deste artigo.

Ao falar do ceticismo pirrônico Fogelin se concentra especialmente na suspensão do juízo a partir dos modos de Agripa. Não vou examinar o papel deles em Fogelin, fiz isto em outro lugar²⁰, mas é interessante marcar que todos os modos são, para dizer o mínimo, difíceis de serem refutados.

Mas em que sentido o ceticismo se constitui um elemento da precariedade da racionalidade? Aqui Fogelin volta ao seu PRKJ. Sua volta à tal obra se dá porque ele se interessa aqui em não apenas relatar as dificuldades presentes no ceticismo, mas no diagnóstico da origem do ceticismo.

Repetindo no WTR a tese do PRKJ, Fogelin argumenta que o ceticismo surge de um aumento indiscriminado do nível de escrutínio de nossas crenças, onde avaliamos as crenças de uma forma não demandada pela situação presente. Segundo Fogelin, na vida comum nossas crenças são avaliadas a partir de um nível de escrutínio presente no contexto da crença. Se estamos em um contexto onde não é exigida grande precisão podemos assumir um escrutínio pequeno ou moderado. Em outra situação, se for demandado pelo contexto, poderíamos aumentar o escrutínio. Vejamos um exemplo. Se estou

²⁰ Ver Pettersen, 2012.

conversando com um amigo é teoricamente possível perguntar se somos agora um cérebro em uma cuba em um planeta distante, mas de modo prático, a menos que algo na situação me suscite levantar o nível de escrutínio para um nível tal alto, a colocação desta possibilidade soará como uma questão mal posta. Em uma situação mais normal, elevamos nosso nível de escrutínio quando o preço por estar errado é maior, assim para ir trabalhar de carro eu verifico o óleo e o combustível, mas para viajar de carro me preparo fazendo uma revisão do carro, assim o nível de escrutínio do estado do carro é sintonizado a partir dos contextos onde estamos inseridos.

O ceticismo é justamente um tomar do escrutínio das crenças e exagerar a avaliação delas sem que nada no contexto peça um exame tão exigente. Essa reflexão acerca do ceticismo acaba colocando-o como uma forma exagerada de se pensar as crenças. Mas ao contrário, isto não implica que o ceticismo esteja refutado. Longe disso. O ceticismo é também uma grave ameaça à racionalidade.

Neste sentido, pensamos que o ceticismo apresentaria dois elementos da precariedade da razão: a) o erro de elevarmos o escrutínio das crenças sem nenhuma razão aparente, o que conduz a dúvidas pouco naturais e b) o fato de que não poderíamos em último caso realmente refutá-lo. A razão tem seus limites céticos a partir de uma avaliação problemática da necessidade de na vida comum se levantar o nível de escrutínio das crenças.

2.4. Uma avaliação dos limites da razão

O que essas avaliações das três limitações da racionalidade significam quando colocadas lado a lado? Acreditamos que temos aqui dois pontos: um diagnóstico das dificuldades da racionalidade e uma descrição geral da racionalidade. Vejamos.

As dificuldades da racionalidade são então três, inconsistência, ilusão dialética e ceticismo. Mas não apenas estas três, o tipo de argumentação de Fogelin nos sugere a possibilidade de acrescentar outros aspectos limitantes da razão. Apesar de ele não ter abordado em extensão no WTR, poderíamos trazer do seu PRKJ os modos de Agripa, não apenas como dificuldades das teorias de justificação, mas como aspectos da precariedade da razão.

Entretanto, nos parece que o maior mérito do WTR é a caracterização que retemos da própria racionalidade. A seguir listamos quatro aspectos da razão que podemos encontrar nas propostas de Fogelin:

- i. A razão é inconsistente nos seus fundamentos.
- ii. Ela é naturalmente embebida em dilemas, mas apta a funcionar bem assim mesmo.
- iii. A racionalidade não pode desempenhar suas funções separada de um elemento empírico.

iv. A racionalidade das crenças é dada no contexto, e não de modo absoluto.

Estes quatro aspectos parecem sugerir uma razão que é **frágil e precária**, uma vez que não almeja nem pode oferecer uma fundação total; mas também pode ser uma razão **holista** porque engloba um aspecto não reducionista, a saber, a importância do contexto na determinação da adequação da correção de crenças, e finalmente é uma razão mergulhada na **empíria**, porque se coloca em continuidade com as percepções. Esta seria uma caracterização geral da racionalidade segundo o WTR evoca.

Esse elemento da precariedade da razão será a partir de agora articulado com uma “solução modesta” para estas dificuldades. É importante notar que a solução decorre imediatamente da caracterização que propusemos acima. Todos os três elementos que atribuímos à razão serão agora colocados em serviço para não apenas perceber as dificuldades da razão, mas para encontrar saídas possíveis que mantenham a precariedade.

3. A restrição não conceitual: o papel da tecnologia

A tese de Fogelin até o final do capítulo 4 do WTR nos apresenta um diagnóstico das dificuldades inerentes ao uso da razão. Essa ideia poderia levar à consideração de uma defesa do irracionalismo ou de um ceticismo irrestrito na filosofia de Fogelin. No entanto, ele não coaduna com estas ideias.

Fogelin define sua filosofia como um “Racionalismo Circumspecto”. Ele diz assim:

Minha própria concepção pode ser chamada de racionalismo circumspecto. É a concepção de que nossas faculdades intelectuais fornecem nosso único meio para compreender o mundo em que nos encontramos. Fogelin, WTR, p. 80.

Essa expressão pode ser compreendida na tese dele da seguinte forma: a parte “circumspecta” da proposta foi a verificada até o momento, sendo ela marcada pelo ceticismo e pela desconfiança de uma forma do fazer filosófico; já o “racionalismo” diz respeito à confiança em certo uso da razão, que a partir de agora será o nosso objeto de estudo.

Começamos pelo título do capítulo 5 que é onde Fogelin apresenta suas considerações racionalistas. Esse capítulo recebe o título de “Respostas modestas a esses desafios”, título este que nos remete ao título da seção V do EHU de Hume intitulada “Solução Cética destas Dúvidas”. Entre “Respostas Modestas” e “Soluções Céticas” temos uma proximidade *metodológica* que liga, respectivamente, Fogelin e Hume. De modo específico, em Hume este

título é devido ao diálogo entre a dúvida apresentada na seção IV, seguida pela explicação dos mecanismos da crença na seção V. Em Fogelin, o título do capítulo V do WTR tem o mesmo tipo de proposta: dúvidas e em sequência soluções modestas. Mas em que consiste tal solução em Fogelin?

Em uma palavra: a solução é que deve haver uma **restrição não conceitual à racionalidade**, onde é aplicado um elemento prático à tal faculdade, a saber, a **tecnologia**. Ele diz assim: “Nossas atividades conceituais podem evitar o desastre somente se forem restritas por algo não conceitual”. (Fogelin, WTR, p. 138). Essa é uma solução impede a razão de cair nos erros apontados anteriormente, pois restringe a racionalidade àquilo que pode ser testado e verificado. Tal resposta não resolve as dúvidas apresentadas acima, mas permite estabelecer uma vida racional *a despeito* das dúvidas. É importante agora compreender o que exatamente esta resposta implica.

O termo “tecnologia”, que tem a sua origem no grego *tekhnè*, hoje diz respeito a união de uma teoria com práticas e ferramentas criadas a partir desta teoria para aplicá-la, testá-la e corrigi-la. A tecnologia seria uma tal restrição não conceitual à teoria, ou de outra forma, uma maneira de se verificar no mundo a verossimilhança de uma dada proposta por meio de sua aplicação. É desta maneira que poderíamos confiar no uso racionalidade.

A ideia da *tekhnè* não é estranha aos céticos. Sexto Empírico ao comentar o modo pelo qual o cético guia sua vida, elabora os chamados “critérios de ação” do pirrônico, conforme comentamos na seção 1.1. Em resumo, Sexto indica que o cético deve se guiar pelo aquilo que lhe é “aparente”, incluindo justamente a *tekhnè*, que na tradução de Danilo Marcondes é chamada de “instrução nas artes”²¹.

É importante lembrar que além de filósofo, Sexto Empírico também foi médico²². Neste sentido, não há nenhum problema em um cético seguir uma instrução técnica, tal qual a medicina, desde que ele não suponha que tal tese represente a opinião final acerca do seu objeto de pesquisa. A *tekhnè* representa a maneira de seguir aquilo que aparece ao cético em um dado contexto. Em resumo, o cético pode praticar medicina desde que ele não dogmatize acerca da natureza da *tekhnè* médica.

Essa proposta de Sexto Empírico é reinterpretada por Fogelin no capítulo V do WTR, mas agora em um novo contexto histórico. Se a *tekhnè* é um dos guias da vida do cético do século II d.C., a *tekhnè* de Fogelin é convertida na tecnologia pós revolução científica do século XVII e seus desenvolvimentos práticos dos séculos XIX e XX. Neste novo cenário onde as ciências e suas práticas estão muito desenvolvidas, a *tekhnè* será pensada como uma tecnologia própria do empreendimento científico, que tem o objetivo de testar, limitar e

²¹ Ver Sexto Empírico, 1997, HP XI, P. 120.

²² Ver Sexto Empírico, 2000, P. xii.

guiar as propostas de uma dada teoria. Desta maneira a ideia de “tecnologia” diz respeito à produção de aparelhos que tornam imanente a proposta abstrata da teoria. Este novo uso não é o mesmo de Sexto, mas tem uma origem semelhante²³, que permite que estabeleçamos uma continuidade na tradição cética.

Nos atendo agora à Fogelin e à sua interpretação da ciência moderna, vemos que uma teoria científica não será apenas um produto da reflexão racional, mas a teoria será testada, precisada e corrigida a partir dos aparatos tecnológicos que ela dispõe. Os dados observados, cada vez mais precisos, serão tomados não como a resposta final acerca da teoria, mas como um guia para a remodelação da proposta apresentada pela ciência. Os testes permitidos pela teoria científica são justamente o que é carente à uma certa cepa da racionalidade filosófica: tais testes restringem e dão firmeza à razão.

A precariedade da reflexão humana surge da dificuldade de pensadores em estabelecer princípios não conceituais como freios da razão. A tecnologia serve como esse elemento experiencial e pragmático que permite que uma teoria seja discutida e analisada.

Mas há aqui um problema: qual é a posição de Fogelin acerca do estatuto epistemológico das verificações, e o que de fato elas mostram? Nos termos da filosofia da ciência a questão é se a proposta de Fogelin é realista ou antirrealista acerca da função da tecnologia.

Esse problema surge quando autores como Kuhn e principalmente Feyerabend apresentaram uma espécie de “perspectivismo científico²⁴”. O argumento de Feyerabend é que há uma petição de princípio entre a teoria e o instrumento de teste: um instrumento de medição é construído a partir das necessidades de uma certa teoria e que por sua vez este instrumento verifica a própria teoria sob o qual ele foi proposto. Neste cenário, um instrumento não revelaria algo que a teoria já não afirme. Essa posição de Feyerabend é um importante exemplo de antirrealismo científico.

Apesar de não ser claro no WTR, o racionalismo circunspecto de Fogelin é realista. A posição de Fogelin é que ainda que uma teoria científica não seja conclusivamente provada por uma certa tecnologia, ela é colocada em teste e pode ou não ser verificada pelo equipamento ora colocado à serviço da pesquisa. A tecnologia é um elemento não conceitual que impede uma teoria de extrapolar aquilo que lhe aparece. E neste sentido tal posição parece guardar uma cepa do realismo científico, especialmente percebido aqui:

²³ Não desejamos propor que a *tekhnè* de Sexto e a tecnologia de Fogelin tem a mesma acepção, apenas indicar que ambos estabelecem critérios de ação, que não são dogmáticos e que partem da mesma ideia de uma relação com a experiência.

²⁴ É a tese de que o empreendimento científico está imerso em uma relatividade ontológica e metodológica. No entanto, apesar de Fogelin não indicar, Kuhn é mais moderado do que Feyerabend.

**Inconsistência, ilusão e ceticismo:
Fogelin e as restrições não conceituais da razão**

Qual é o elemento não conceitual ou o elemento não interpretativo que impede nosso pensamento de se tornar cético ou dialético? Com a tecnologia, a resposta é **geralmente direta**. Fogelin, WTR, p. 147. (nosso negrito)

É crido por Fogelin que a tecnologia, ainda que de modo não definitivo, poderia colocar algum limite real à razão. Esse seria um tipo de *realismo* circunspecto, que o termo “direto” na citação acima parece trazer a tona.

Com esta resposta Fogelin ressalta dois aspectos. O *primeiro* é que o elemento circunspecto de seu pensamento é mitigado pela possibilidade de interação com a aplicação tecnológica. Neste sentido a maneira de Fogelin limitar o uso da razão é muito semelhante ao comentado por ele acerca de Kant no capítulo 3: é a experiência que restringe as possibilidades do discurso racional.

O segundo aspecto, agora com Hume, Fogelin propõe em nos pensar como criaturas naturais causalmente conectadas ao mundo natural. Esse aspecto não conceitual requerido por Fogelin para a investigação científica não é nada mais do que uma aposta na compreensão de um ser humano imerso no mundo e não enclausurado em sua própria mente. A precariedade da razão é mitigada com uma razão natural.

Mas como essa solução realmente funcionaria fora das ciências naturais? Fogelin propõe então um teste. Ele dedica todo o capítulo VI do WTR a uma prova de que é possível mitigar as dificuldades da razão em outros terrenos usando o mesmo princípio de uma restrição não conceitual para a reflexão. Para tal, ele recorre a estética. Vejamos.

À primeira vista o capítulo VI pode parecer deslocado. Nesse capítulo Fogelin propõe uma interpretação do célebre ensaio de Hume o “Do Padrão do Gosto” (1757). O objetivo desta análise é mostrar que mesmo em uma disciplina filosófica como a estética seria possível oferecer restrições não conceituais.

O argumento é assim colocado: de um lado temos os perspectivistas quanto ao gosto, argumentando que não há um padrão do gosto; do outro lado temos os que argumentam que há um padrão do gosto. Se examinado apenas pelo aspecto filosófico esse debate não parece ter solução. Mas Fogelin percebe que há uma vantagem no argumento de Hume.

Segundo Hume, não devemos resolver o problema do juízo de gosto estabelecendo um padrão final, mas ao contrário, deve-se ter um processo claro de aperfeiçoamento do gosto, que dependerá de aspectos como a delicadeza, a prática, a comparação e o fato de não podermos ter preconceitos. Todos estes aspectos fazem com que o juízo de gosto seja imerso em critérios não conceituais, uma vez que ele terá que ter conhecimento prático do objeto de fruição estética. Um crítico que deseja ter seu gosto melhorado não poderá se

encastelar na razão, mas deve trazer elementos práticos ao seu exame.

Toda esta proposta de restrições não conceituais tem duas conclusões. A primeira é a mais importante: este argumento acerca da tecnologia não vem para recusar as dúvidas. Temos uma solução cética que conserva a possibilidade da dúvida, e que ao mesmo tempo encontra uma solução para a vida comum que não ignora as dúvidas, mas as compreende como parte do processo do saber. A segunda é que a saída de Fogelin para a racionalidade envolve, tal como em Sexto, uma adoção de critérios de ação para a vida intelectual, isto é o uso da tecnologia. Não é de maneira nenhuma estranho a um cético trazer este elemento, a novidade é falar destes critérios em um novo momento da história, retomando Sexto, mas com as novas possibilidades de saber que a história, especialmente a da ciência, nos trouxe.

Conclusão

Este artigo teve três objetivos: (i) a reflexão acerca da metodologia cética de Fogelin, (ii) a indicação das dúvidas acerca da racionalidade e (iii) apresentar das saídas moderadas à tais limites. Esses objetivos foram levados à cabo a partir de um entrelaçamento de Fogelin com a tradição cética, especialmente Sexto Empírico e Hume.

O pirronismo de Fogelin deve ser lido não apenas como uma possibilidade de retomada de uma clássica posição, mas uma que dá novos ares e novas possibilidades para o ceticismo. Sua filosofia é profundamente estimuladora para os novos pirrônicos.

Bibliografia

FOGELIN, Robert. 2016. *Andando na corda bamba da razão*. Tradução: Israel Vilas Bôas e Plínio Junqueira Smith. São Paulo: Alameda.

FOGELIN, Robert. 1985. *Hume's Skepticism in the Treatise of Human Nature*. London: Routledge and Kegan Paul.

FOGELIN, Robert. 1994. *Pyrrhonian reflections on knowledge and justification*. New York: Oxford University Press, 1994.

FOGELIN, Robert. 2017. *Reflexões pirrônicas sobre o conhecimento e a justificação*. Tradução de Israel Vilas Bôas; revisão técnica de Plínio Junqueira Smith. Salvador: Editora da UFBA.

FOGELIN, Robert. 2003. *Walking the tightrope of reason: the precarious life of a rational animal*. Oxford [England]; New York: Oxford University Press.

**Inconsistência, ilusão e ceticismo:
Fogelin e as restrições não conceituais da razão**

FOGELIN, Robert. 1995. *Wittgenstein*. 2nd. ed. London; New York: Routledge.

HUME, David. 2004. *Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral*. São Paulo: Ed. Unesp.

KANT, Immanuel. 1999. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Nova Cultural.

PETTERSEN, Bruno Batista; GUIMARÃES, Livia Mara. 2012. *A narrativa neopirrônica: uma análise das obras de Porchat e Fogelin*.

PETTERSEN, Bruno Batista. 2015. "A argumentação do cético." IN: SMITH, Plínio (org). *O neopirronismo de Oswaldo Porchat*. São Paulo: Alameda.

SEXTUS, Empiricus. *Hipotiposes Pirrônicas* - livro I. Tradução: Danilo Marcondes, in: *O que nos faz pensar* - cadernos do departamento de filosofia da PUC-Rio, 12, setembro, 1997.

SEXTUS, Empiricus. *Outlines of scepticism*. Trad: J. Annas e J. Barnes. Cambridge [England] ; New York: Cambridge University Press, 2000.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus*. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.